



Editorial: 15 anos de crítica, uma edição histórica

Ana Claudia Aymoré Martins

Doutora em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Mestra em História Social da Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Puc-Rio). Professora associada dos cursos de graduação (Licenciatura e Bacharelado) e Pós-Graduação (PPGH) em História da Universidade Federal de Alagoas (Ufal). Editora da Revista Crítica Histórica e líder do grupo de Pesquisa Literatura e História (LiterHis/Ufal/CNPq).

 0000-0003-4113-6011

 <https://doi.org/10.28998/rchv15n30.2024.0001>



Editorial: 15 anos de crítica, uma edição histórica

Por que vocês não sabem/ do lixo ocidental?
(Fernando Brandt, Márcio Borges e Lô Borges,
Para Lennon e McCartney)

Feita num plano mais aberto, a fotografia capta a ambientação, e também o artificialismo de sua montagem. O estúdio do fotógrafo, bem distante do lugar de origem do retratado, é convertido num cenário teatral, emulando, para os futuros olhares de apreciação da fotografia, o espaço mítico, de uma neutralidade intocada, que abriga o “bom selvagem”. Em cena, o retratado, cacique do povo apiaká, não consegue disfarçar um misto de estupefação e constrangimento, e posa um tanto desengonçado no papel que lhe foi atribuído.

A imagem descrita se trata de uma impressão fotográfica em papel albuminado, de 1887, de autoria de ninguém menos do que o célebre Marc Ferrez. A parafernália que cerca a execução desse retrato se repete em outros, individuais ou em grupo, nos quais o fotógrafo carioca desempenhou, como tantos de seus contemporâneos, o **olhar exotizante** sobre o outro não-europeu, através do qual perpassavam africanos escravizados, mulheres negras “de ganho”, comunidades indígenas, todos e todas representados/as não como sujeitos, mas como **tipos**. Um olhar, portanto, que reduz as singularidades e diferenças alheias ao crivo do **mesmo**, corroborando incessantemente sua suposta inferioridade em relação ao modelo.

A escolha da fotografia de Marc Ferrez para ilustrar a capa do presente número da nossa *Revista Crítica Histórica* não foi casual. É uma imagem de importância **histórica** que remete ao necessário exercício, na historiografia contemporânea, de uma atitude **crítica** renovada. Afinal, muito papel e tinta já foram gastos, num passado não tão remoto, para associar categoricamente o pensamento crítico à modernidade ocidental, como paradigma do triunfo de uma razão iluminista, eurocêntrica e patriarcal, a qual, mesmo pondo em xeque valores lastreados por uma dada tradição – religiosa, política, moral, jurídica – do ocidente, segregou de forma sistemática a **autocrítica**, abandonando a origem etimológica do termo, do grego *krinein*, relacionado à **diferenciação**. Ou seja: a operação crítica não prescinde de se pôr o

outro à vista, (re)conhecê-lo, considerá-lo em sua **diferença**.

É essa atitude crítica mais essencial, fundamentada inclusive na crítica à modernidade como paradigma, que nossa revista, nestes quinze anos de história, celebra. A crítica que permite a diversidade de sujeitos, metodologias, fontes, perspectivas, objetos, abordagens de pesquisa; que se engaja na luta diante de uma universidade – e de uma sociedade brasileira – ainda racista, classista, misógina, lgbtfóbica; que não se esquivava aos descentramentos, às ambivalências, às limitações, às complexidades, ao caráter sempre multiforme da história. Uma historiografia crítica que, ao traçar pontes com outras teorias e métodos críticos, como a crítica literária, a crítica feminista, a ecocrítica, a antropologia crítica, respalda e amplia a necessária ação, proposta por Benjamin, de se escovar a história a contrapelo.

Em nome de todas e todos que compõem e compuseram, nestes quinze anos de história, a nossa *Crítica Histórica* – autores/as, leitores/as, pareceristas, membros do Conselho Editorial – agradecemos, em primeiro lugar, à professora Irineia Maria Franco dos Santos, cuja iniciativa foi o ponto de partida para a criação da revista em 2010; às editoras e editores que, ao longo dessa década e meia não deixaram a peteca cair, contribuindo, cada um/a deles/as – os/as professores/as Paula Palamartchuk (em memória), Michelle Reis de Macedo, Osvaldo Maciel e Anderson Almeida – , para o incremento da RCH; aos/às colegas como os/as professores/as Flavia Maria de Carvalho, Raquel de Fátima Parmegiani, Elias Ferreira Veras, Luana Teixeira, Danilo Luiz Marques e, mais recentemente, Ana Paula Silva Santana, os/as quais contribuíram enormemente na distribuição das rotinas editoriais e na conclusão de cada número da revista; à equipe do curso de Biblioteconomia da Ufal, liderada pelo professor Ronaldo Araújo e formada pelos/as queridos/as Laura, Jusmenne e Laysa, pelo imprescindível apoio técnico-científico, a partir deste ano de 2024, através do projeto *Periódicos de Alagoas em Foco*; à Fundação de Amparo à Pesquisa de Alagoas (Fapeal), pelas ações de fomento tão necessárias para a manutenção dos periódicos de acesso livre e gratuito do estado, como é o caso da RCH; finalmente, agradecemos ao egresso do nosso curso de história Dimas Marques, que batizou a revista, por meio de concurso promovido, à época de seu lançamento, entre os discentes.

Pessoalmente, eu, Ana Claudia, agradeço de coração a confiança que me foi depositada pelos/as que me precederam aqui, por todo o suporte que tenho quando peço socorro em algum procedimento desconhecido, parceria em alguma tarefa editorial mais espinhosa ou companhia nas muitas reuniões em instâncias variadas.

Edit(or)ar uma revista é uma função nada fácil mas, em contrapartida, também uma oportunidade gigantesca de aprendizagem.

Que venham muitos outros anos de **crítica histórica!**

pelo Conselho Editorial
Ana Claudia Aymoré Martins
Farol, Maceió, Alagoas,
dezembro de 2024